

**Footprints of a writer: o retorno do autor em *Oranges Are Not the Only Fruit* de Jeanette Winterson**

Tiago Barbosa da Silva\*  
Universidade Federal de Pernambuco  
[tiagob\\_s@yahoo.com.br](mailto:tiagob_s@yahoo.com.br)

**Resumo:** A narrativa contemporânea é marcada pela presença real de um autor empírico em textos ficcionais, o que indicia o retorno do autor e aponta para a redefinição das tradicionais fronteiras que separam a realidade da ficção. *Oranges Are Not The Only Fruit*, primeiro livro de Jeanette Winterson, é um exemplo típico desse tipo de narrativa. Nele, a escritora constrói, em primeira pessoa, a partir de experiências vividas na infância e adolescência, um texto ficcional entrecortado por fatos de sua vida. No texto de introdução da edição de 2001, Jeanette Winterson se questiona se *Oranges* é uma narrativa de natureza autobiográfica e revela uma posição ambígua em relação a isso: “no not at all and yes of course”, o que estabelece e, paralelamente, quebra o pacto referencial e constitui um jogo em que ficção e realidade se misturam. Nesse artigo, propomos discutir a presença da escritora em seu primeiro romance, confrontando-o ora com seu texto de memória *Why Be Happy When You Could Be Normal?* ora com informações biográficas. Em seguida, apresentaremos as características dessa presença a partir de Klinger (2012), Laddaga (2013) e Schollhammer (2012), enfatizando traços do retorno do autor ao texto ficcional e da visão etnográfica do narrador como marcas definidoras dessa narrativa.

**Palavras-chave:** Escritas de si – O retorno do autor – Espetacularização do eu

**Abstract:** Contemporary narrative is marked by the actual presence of an empirical author in fictional texts, suggesting the return of the author; a return which redefines the traditional boundaries that separate fact from fiction. *Oranges Are Not The Only Fruit*, Jeanette Winterson's first book, is a typical example of this type of narrative. In the preface of the 2001 edition, the writer wonders if her novel is an autobiographical or a fictional narrative and reveals an ambiguous position in relation to this: "no not at all and yes of course". Her utterance sets and, in parallel, breaks the “pact biographic” and initiates a game in which fiction and reality mingle. In this paper, we propose to discuss the presence of the writer in *Oranges*, contrasting it to her memoir *Why Be Happy When You Could Be Normal?* and to biographical information, highlighting the

---

\* **Tiago Barbosa da Silva** possui graduação em Licenciatura Plena em Letras - Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande (2008), graduação em Direito (2009) e mestrado em Desenvolvimento Regional (2012) pela Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente, é aluno no Programa de Pós-graduação em Letras, com foco em Teoria Literária, da Universidade Federal de Pernambuco, onde tem se dedicado ao estudo das representações do não-lugar nas literaturas de língua inglesa contemporâneas.

defining features of this presence as discussed by Klinger (2012), Laddaga (2013) and Schollhammer (2012).

**Keywords:** Narratives of the self – The return of the author – Spectacle of the self

### **O Retorno do Autor em *Oranges***

Em julho de 2013, em uma comunicação oral intitulada ‘Literatura de Vida: Tensões e Potências’, Diana Klinger menciona o *facebook* como uma ferramenta que permite a construção de narrativas típicas da contemporaneidade - entre o biográfico e o ficcional. Sua declaração me fez pensar que essa rede social, assim como o *twitter*, o *instagram*, *etc.*, pode ser vista como metáfora do que a literatura vive hoje. Seus usuários podem construir narrativas que contam suas histórias de vida através de imagens, amizades e eventos pessoais importantes, organizados em uma sequência cronológica inversa, que não necessariamente representa o real. Nem tudo que acontece na vida do usuário vai compor sua *timeline*, e o que compõe, não o faz sem antes passar por um processo de edição, maquiagem e manipulação, que, de certo modo, ‘ficcionaliza’ o evento representado. Isso acontece mesmo quando a informação disponibilizada é fotográfica, o que distancia a representação da realidade do evento ou situação referenciado, sem, no entanto, extinguir o nexos entre eles.

Em *Oranges Are Not The Only Fruit*, Jeanette Winterson constrói uma narrativa que apresenta essas características. Logo nas primeiras linhas confunde o leitor com um narrador em primeira pessoa, facilmente associado a si mesma: “*Like most people I lived for a long time with my mother and father.*” Com o uso do pronome subjetivo *I*, estabelece uma conexão entre: o autor e a personagem principal, a vida real e a ficção, dificultando a percepção de quem é o enunciador do discurso literário. Até a mãe da escritora demonstra dificuldade em entender que tipo de história é essa; após um afastamento de muitos anos, demanda que a filha entre em contato por telefone e, mesmo depois de receber explicações teóricas sobre literatura, indaga: “*if it is a story, why is the main character called Jeanette?* (WINTERSON, 2011, p. 5). Se

inventada, por que o nome da personagem é Jeanette? O nome comum se soma a outras referências à vida pessoal de Winterson: a adoção por pais pentecostais, a educação para ser missionária, a saída de casa aos dezesseis anos, a cidade de *Accrington*, a descoberta de seu lesbianismo ainda na adolescência, etc.

Essa presença de dados autorreferenciais é, de certo modo, uma revolta contra um pensamento que, na tradição literária ocidental, remonta à Poética de Aristóteles, para quem “o autor deve falar como autor o mínimo que puder, porque quando o faz deixa de ser um artista” (apud LADDAGA, 2013, p. 34), encontra eco em pensadores como Deleuze e Foucault e atinge seu ápice na declaração de Barthes (2004, p. 1) de que o autor havia morrido, ao menos, enquanto enunciador desse discurso; será sempre impossível saber quem professa as ideias no texto literário, já que “a escrita é a destruição de toda a voz, de toda a origem”, reafirmando o princípio aristotélico de afastamento ou de separação entre ficção e realidade.

Será realmente necessário silenciar o autor para se produzir arte? Para Winterson (2011), não, já que é possível unir a experiência e a experimentação, o observado e o imaginado e assim produzir um texto inovador e experimental, que extrapole os limites anteriormente rígidos e imóveis entre essas duas esferas. Essa mistura entre ficção e realidade situa o texto dentro de um espaço interdiscursivo com outros, não necessariamente literários (KLINGER, 2012). Nesse sentido, o texto produzido se conecta com uma série de referências reais, como as apresentadas acima, sem se reduzir a elas, criando um efeito de realidade, compreensível como parte da “produção da subjetividade na relação com a escrita” (KLINGER, 2012, p. 23).

Em *Why be Happy When You Could Be Normal?*, Winterson (2011) declara que sua prosa estranha tem o propósito de reconstruir sua história e torná-la mais agradável. *Oranges* está pautado na necessidade de repensar a própria narrativa, a própria subjetividade, a partir de padrões mais adequados à sua autora, que, se não o fizesse, teria que aceitar a malha fina que era a versão de sua mãe:

To avoid the narrow mesh of Mrs Winterson's story I had to be able to tell my own. Part fact part fiction is what life is. And it is always a cover story. I wrote my way out.

She said, "But it's not true..."

Truth? This was a woman who explained the flash-dash of mice activity in the kitchen as ectoplasm. (WINTERSON, 2011, p. 6)

Assim, a ficção real de Jeanette Winterson se associa a um processo de rememoração e reflexão sobre si mesma, conscientemente, posto como versão, portanto, diferente do original, que reflete o seu processo de subjetivação. Nas palavras de Touraine (2006, p. 166), esse processo "é a construção, por parte do indivíduo ou do grupo, de si mesmo como sujeito, a partir do contato com outros sujeitos, com movimentos sociais e com outras intervenções", inclusive, ficcionais, que permitem ao sujeito ressignificar experiências de vida; mesclando vida e arte chega-se a um outro.

Em *Oranges*, há uma personagem chamada Testifying Elsie que cuida da pequena Jeanette e age como sua protetora. Para Winterson (2011, p. 6-7), a inclusão dessa personagem completamente ficcional foi absolutamente imperativa, do contrário, não suportaria viver com sua própria história: "*I wrote her in because I couldn't bear to leave her out. I wrote her in because I really wished it had been that way. When you are a solitary child you find an imaginary friend.*" Desse modo, Winterson reconfigura os limites entre ficção e realidade. Transforma o texto em um espaço de reconstrução de sua subjetividade e cria uma narrativa, cujo traço mais triste é sabê-la irreal, uma versão suportável: "*And I suppose that the saddest thing for me, thinking about the cover version that is Oranges, is that I wrote a story I could live with. The other one was too painful. I could not survive it*" (WINTERSON, 2011, p. 6). Isso corresponde ao que Schollhammer (2012) chama de esforço para "levar a poesia à vida, reencantá-la, comprometer a escrita ao desafio do índice e fazer dela um meio de intervenção sobre aquilo que encena ficcionalmente." Desse modo, o autor participa ativamente da recriação da própria história, compondo uma rede tecida com fios de dois tipos: autorreferenciais e ficcionais.

Para Schollhammer (2012, p. 141), essas referências ao mundo real "criam uma espécie de realismo textual que desequilibra a relação entre ficção

e documento.” Não se pode dizer que *Oranges* é um livro autobiográfico, nem um documento, já que as conexões entre a vida da autora e o texto, embora declaradas, são editadas através de um processo em que a própria narrativa construída é também uma versão – *a cover version*, em suas palavras, o que reforça a ideia de que, mesmo quando o texto é autorreferente, a linguagem não cria uma cópia exata do real. Nesse sentido, é ao mesmo tempo “referencial e simulacral”, já que cria “imagens literárias que são conectadas à realidade, mas também desconectadas, são simultaneamente reais e artificiais, afetivas e frias, críticas e complacentes” (SCHOLLHAMMER, 2012, p. 135). Instaura-se, portanto, um jogo entre realidade e dramatização, público e privado, intimidade e visibilidade, verdade e ficção (KLINGER, 2010), cujo resultado equivale à apresentação do processo de transformação do indivíduo no que ele é; como Jeanette se tornou Jeanette Winterson.

### **O espetáculo do ‘eu’ e a etnografia de si**

Voltando ao *facebook*, o perfil ou conta criada por cada um dos usuários recoloca o sujeito no centro do processo de construção da narrativa, já que nele, pode-se livremente desempenhar a função de autor. De tal modo, o autor retorna do mundo dos mortos, não como fantasma, invisível, mas como parte tangível na narrativa, em completa sintonia com o espírito de nossa época, com o nosso *zeitgeist*,

marcado pela exaltação do sujeito e pela saturação das narrativas de si, tanto na cultura impressa do livro quanto na mídia (refiro-me à proliferação de memórias, biografias, autobiografias, entrevistas, confissões, *reality shows* e blogs na internet). No entanto, é possível ver, na narrativa contemporânea, não apenas uma continuidade dessa cultura midiática, mas também uma intervenção crítica em face a ela (como é, também, o filme do Eduardo Coutinho), que parte da perda das certezas sobre a espontaneidade da voz, a unicidade do sujeito e a verdade do dizer (KLINGER, 2010).

*Oranges* está, portanto, embora publicado no começo da década de 1980, em completa sintonia com o espírito de nossos tempos, cuja marca principal é a exposição do privado como forma de exaltar a subjetividade. Nesse sentido, é como se, no palco, a luz fosse também jogada sobre as

experiências pelas quais o ator passou em sua vida e que o constituíram, sem desconsiderar os outros elementos do espetáculo; cenário, sonoplastia, corpo, etc. Esse tipo de narrativa, para Laddaga (2013, p. 57-58), demonstra a beleza que é “própria da nudez de uma criatura vulnerável”, típica da condição frágil e dolorida do humano, em “um mundo em transição contínua em que as normas e as regras são incertas”. Nesse sentido, ao reconstruir sua narrativa, Winterson desnuda-se, tira suas vestes e aparece, para o leitor, nua e vulnerável, aparentemente, sem máscaras (embora elas estejam por todos os lados), e escreve de dentro da própria narrativa. Esse movimento de ressurreição do autor e consequente espetacularização de sua subjetividade pode ser considerado como parte do esforço de vários artistas para quebrar as barreiras entre a vida e a arte, como fez Marcel Duchamp, personificando-se como mulher, Rrso Sélavy (*Eros c'est la vie*), para transformar em arte a experiência da encenação do sexo oposto (SANTAELLA, 2003).

Como resultado da inclusão de si mesma em *Oranges*, Winterson reflete também sobre seu contexto e sobre seu lugar de identidade, revelando características típicas de sua posição, do que é ser religiosa, ter uma educação fundamentalista e ser pobre em uma região industrial da Inglaterra, nas décadas de 1960 e 1970. As características do espaço religioso aparecem já no índice de capítulos, pode-se perceber que todos eles recebem os nomes dos oito primeiros capítulos da bíblia: *Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers, Deuteronomy, Joshua, Judges* e *Ruth*. Ao iniciar a leitura do livro, percebe-se que a lógica que rege a organização e a própria vida da família Winterson é tão autoritária e caótica quanto às histórias que aparecem no velho testamento. Sua mãe, figura que deveria proteger, não hesitava em punir das formas mais cruéis possíveis, como o deus do velho testamento; deixando a pobre Jeanette presa do lado de fora de casa durante toda a noite, inclusive, sem razão aparente. Ademais, a própria classificação de tudo em duas categorias – os escolhidos e os infiéis, *the chosen and the heathen*, revela a lógica perversa que perpassava as interações da família com as outras pessoas. Outro fato interessante relacionado a isso está no plano implícito na adoção de Jeanette, que deveria ser missionária: “*I had been brought in to join her in a tag match*

*against the Rest of the World*” (WINTERSON, 2001). A educação da personagem foi toda pautada em valores fundamentalistas; fica fácil entender seus problemas na escola, seu vocabulário religioso, estranho a outras crianças, e os conflitos que advêm desse contexto. Já em relação à condição socioeconômica da família, seu pai era operário e sua mãe não trabalhava; os recursos financeiros da família eram mínimos e as privações, inclusive alimentares, não eram raras. Como filha de pais pobre, a menina caminhava cerca de 30 km por dia, distribuída entre o caminho da escola e o da igreja, seus únicos espaços de socialização.

Portanto, essa posição narrativa privilegiada, permite a autora fazer uma espécie de etnografia de si. Em outros termos, permite que Winterson investigue “a correlação entre si e o diverso de si” (ROCHA e ECKERT, 1998, SP), apresentando, então, uma leitura de seu lugar, de sua posição no mundo, construída a partir de relações sociais, do vivido. Nesse sentido, a presença da autora permite que entendamos o seu lugar; o fragmento do espaço onde sua vida se passou e onde os desequilíbrios, as situações de conflito e as tendências da sociedade ocorreram (CARLOS, 2007).

### **Oranges, facebook e autoficção**

Embora apresente algumas características das narrativas construídas nas redes sociais, *Oranges* destoa das facebookianas que são, geralmente, ancoradas na ideia de felicidade. Lá, no mais das vezes, não há espaço para a dor e para o sofrimento; expõe-se normalmente uma vida perfeita e superficial, quase onírica, aquela que todo sujeito, no mundo virtual, pode ter. Já no livro de Winterson, podemos encontrar uma exposição das feridas que converteram a menina adotada em outra, distante, longe de *Accrington*, e, conseqüentemente, distante do lugar opressor de sua infância e adolescência. De tal forma, Winterson chama nossa atenção para os acontecimentos que a constituíram. Em outros termos, há uma exposição e ficcionalização da chaga, perfeitamente representada na fala de sua mãe, supostamente, transcrita no livro de memórias *Why Be Happy When You Could Be Normal?*, que diz ser os

escritos de sua filha produzidos a partir de uma ferida; sua própria experiência de vida.

Nesse sentido, há uma liquefação dos limites entre o real e a ficção que é parte de um fenômeno mais amplo nas artes, que se dá a partir da metade do último século, particularmente depois da década de 1960. Nesse momento, uma série de artistas passou a questionar o próprio corpo, transformando-o em sujeito e objeto do trabalho artístico. Assim, podemos estabelecer um paralelo entre essa arte contemporânea e a escrita ficcional e autorreferente de Jeanette Winterson, da qual também faz parte a vida 'real'. Nos dois casos, o 'real' passa a figurar entre os elementos da representação. Nesse sentido, o resultado alcançado é uma interseção entre a realidade e a ficção; um novo que expõe a crise da própria noção de representação e de ideias como a da morte do autor. De qualquer modo, é importante frisar que, mesmo quando o texto é autorreferente, a linguagem não "consegue criar uma cópia sensível do real" (SCHOLLHAMMER, 2012, p. 132), sendo sempre uma representação. Talvez mais bonita, talvez mais feia, mas sempre uma representação.

## Referências

Barthes, Roland. **A morte do autor**. Disponível em:

[http://ufba2011.com/A\\_morte\\_do\\_autor\\_barthes.pdf](http://ufba2011.com/A_morte_do_autor_barthes.pdf). Acesso em 09 de junho de 2014.

Carlos, A.F.A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

Klinger, Diana. **Aporias da Escrita de Si**. *Revista Pequena Morte*. Edição 21.

Disponível em: <http://www.pequenamorte.net/aporias-da-escrita-de-si-diana-klinger/#.Uz7x5VfClgc> Acesso em 04 de 04 de 2014.

----- . **Escritas de Si, Escritas do Outro: o Retorno do Autor e a Virada Etnográfica**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LADDAGA, Reinaldo. **Estética de laboratório: estratégias das artes do presente**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

Rocha, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica.** *Rev. Antropol.* [online]. 1998, vol.41, n.2 [cited 2014-04-10], pp. 107-136 . Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77011998000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011998000200004).

Santaella, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

Schollhammer, Karl Erik. **Realismo afetivo: evocar realismo além da representação.** In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. N. 39, jan./jun, p. 129-148, 2012.

Touraine, A. **Um novo paradigma para ler o mundo de hoje.** Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

Winterson, J. **Oranges Are Not the Only Fruit.** United Kingdom: Vintage International. 2001.

----- . **Why Be Happy When You Could Be Normal?** United States: Grove Press, 2012.